

SER PROFESSOR DE FILOSOFIA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE NO ENSINO MÉDIO

Adriano José Barroso Souza

Universidade Federal do Maranhão(UFMA) – adrianojosefilosofia@gmail.com

Introdução

Os estudos sobre a construção de identidade docente são pertinentes, pois comportam uma leitura em uma perspectiva, fora da redoma burocrática e pragmática das políticas educacionais levando, assim, em consideração o itinerário pessoal e profissional de indivíduos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem se debruçando sobre a trajetória pessoal e as zonas de contato entre as representações de si mesmo e do outro, partindo, assim, do princípio que o sujeito docente, não possui uma única identidade, mas uma metamorfose, consequência de suas múltiplas experiências pessoais e profissionais.

Dentro desse aporte surgem as seguintes problemáticas: quais seriam os processos de construção de identidade profissional do professor da área de Filosofia? Qual a representação que tem de si mesmo e dos outros em sua atuação? Quais os pontos de similaridade e divergência na prática em sala de aula? Como os outros agentes escolares percebem o professor de Filosofia na organização do trabalho escolar? Como a formação influencia no desenvolvimento da atuação profissional? As trajetórias pessoais influenciam de alguma maneira na postura assumida como docente? Como se dá a apropriação dos discursos pedagógicos que retroalimentam as vivências diárias no ambiente escolar?

O professor independentemente das alterações emblemáticas sobre sua atuação e presença mediadora em sala de aula, continua sendo um agente primordial na difusão de conhecimentos, contudo, na avassaladora onda de transformações tecnológicas, muito tem se questionado sobre sua identidade, aqui entendido, como processo dinâmico e contínuo que implica uma criação de sentidos que se alça muito além da sua concepção individual de valores e experiências.

A identidade docente como foco de pesquisas educacionais aparece nas últimas décadas como algo primordial para se compreender as estruturas do processo de ensino e aprendizagem, essas investigações, tendem a documentar de forma interessante modelos, propostas e atuações profissionais que desenham um quadro policromático das nuances complexas da educação. Esse interesse se dá principalmente, pela múltipla diversidade de atuações e metodologias díspares do professorado.

O estranhamento diante das dificuldades metodológicas, no que concerne a aplicação das aulas no Ensino Médio, vivenciadas por muitos professores, além do distanciamento teórico em relação aos conteúdos ensinados na rede estadual de Educação. Levando em consideração que as avaliações externas e a matriz curricular proposta pelo governo do estado, constatou-se, que existe uma diferenciação de práticas e posturas do ensino de Filosofia. São “Configurações de pensamento e ação que construídos historicamente, se mantem com o passar do tempo, enquanto estão institucionalizados, incorporados a consciência dos sujeitos”. (CERLETTI, 2009.p.56).

O interesse pela pesquisa sobre a identidade profissional do professor de Filosofia surge da necessidade de investigação sobre as múltiplas realidades de atuação, não como uma simplificação de caráter subjetivista, mas compreendendo que existe uma gama de interações sociais que definem as trajetórias e práticas docentes. DUBAR (2005) norteia precisamente estas configurações identitárias, que se reproduzem e se transformam ligeiramente, a partir de processos de socialização que se constroem e se reconstroem.

Os estudos sobre o professorado, tentam captar a dinamicidade que a profissão perpassa nas últimas décadas, uma fragmentação, um rompimento das linhas diretivas, que norteavam as instituições educativas, onde se abandonou aos poucos o caráter funcionalista e burocratizante e se buscou uma estrutura relacional, mais dialógica e coletiva, assim, como bem coloca HALL (2005), que faz uma análise da constituição histórica do sujeito e de sua identidade, partindo de paradigmas que se desagregam e se fragmentam.

Visa-se ainda ampliar a insipiente produção científica sobre o professor de Filosofia da rede estadual de ensino no Maranhão, por ser algo pouco estudado, necessita de reflexões e delimitações metodológicas que indiquem os sentidos da filosofia em sala de aula, objetivando compreender a docência perante horizontes interpretativos do ponto de vista das competências logico-discursivas que são específicas e inerentes ao saber filosófico, bem como o esclarecimento necessário sobre a produção de sentidos acerca do ser educador e do ato de educar.

Assim, a intenção é investigar sobre o processo identitário profissional docente nos espaços de construção social e educacional e as relações que de alguma maneira singularizam a postura do docente como múltiplas situações do cotidiano, o reconhecimento da profissão, as relações intra e interpessoais, realizando um diálogo entre o saber-fazer e o processo de construção da identidade, explicitando a compreensão sobre sentidos e significados, visando principalmente identificar os processos avaliativos que concernem esse padrões no percurso profissional dos professores.

Entende-se que procura pelo padrão identitário é algo equivocado, pois todas as ações humanas são contingentes, dentro de um aspecto construcionista, o que na contemporaneidade se observa notoriamente, que a diversidade de nuances estruturam, o que RICOEUR (1990), quando afirma que o “mesmo” da identidade é construído ao longo da vida – historicamente – por assimilação das muitas mudanças em sua constituição, logo o ser professor, aloca-se dentro da indagação “quem sou eu”, não apenas como uma expressão léxico gramatical, mas como auto referencial, no qual se designa a si mesmo.

Outro arcabouço teórico que pode ser visitado sobre a identidade é aporte de Paul Ricoeur, que proe a partir do fluxo narrativo, onde a própria história de vida, onde lente da subjetividade é um espelho deformante, que abriga, muito além dos pressupostos pragmáticos que sustam uma visão positivista, pois a interiorização das “vivências”, não pôde construir a ponte para as realidades histórias, porque as grandes realidades históricas, sociedade e Estado, determinam de antemão toda a “vivência” (GADAMER,2002.). O norte de Ricoeur, passa por dois conceitos de identidade, que se colocam em um grau de dualidade, o primeiro o Idem, como categoria do imutável, inexorável, idêntico, uma identificação genética, uma continuidade física e o Ipse, este segundo, fortemente caracterizado pela possibilidade da mudança reflexiva a partir da alteridade.

Metologia

O percurso metodológico busca representações sobre a atmosfera de aplicação curricular em Filosofia e o uso de caráter exploratório com o intuito de explicar de maneira geral, através de uma delimitação do estudo e análise documental sobre as produções acerca de Identidade, prática docente, profissionalismo e processos identitários, esse primeiro passo é um tópico importante no corpo teórico, pois irá efetivar a formulação e a operacionalização das hipóteses.

Outro mecanismo de caráter metodológico, a partir do problema de pesquisa, é a observação participante, que se insere como maneira de examinar com todos os sentidos os grupos (professores, alunos, gestores, coordenadores) que será dirigido estudo, “a justificativa para o procedimento de observação está no pressuposto de que há muitos elementos que não podem ser apreendidos por meio da fala e da escrita” (VICTORA, 2000.p.62), essa metalinguagem que se pretende apreender no convívio da pesquisa, tem nuances particulares, pois conota a requisição de um olhar direcionado a comportamentos individuais e coletivos, linguagem não verbalizada, sequencias e temporalidades dentro e fora do evento observado. Nessa estrada de compreensão fenomênica da identidade profissional docente, o uso das entrevistas, semiestruturadas e com ou sem roteiros.

Outro aspecto metodológico, que delineará a perspectiva de encontro e construção de identidades docentes e suas múltiplas faces é o exame da História de vida, como técnica de coleta de dados, que irá ajudar a compreender o desenvolvimento profissional do sujeito docente e traçar com ele uma biografia que descreva sua trajetória até o momento atual., “a história de vida, pode além de recuperar as experiências dos indivíduos, recolher também, crenças, mitos e tradições, o que permite o melhor entendimento. (VICTORA, 2000.p.67)

A opção por esses procedimentos se deu porque permitem investigar as inter-relações do saber fazer pedagógico com a construção da identidade do professor de Filosofia, assim o sentindo atribuído subjetivamente é o resultado do pensamento estruturado, nesse caso, o estabelecimento de ensino e em seguida a apropriação de algo novo que se incorpora a em suas perspectivas. Diante de cabedal de possibilidades se visa apreender o cotidiano do professor de Filosofia, como bem afirma HELLER (1985, p. 17) a vida cotidiana é a vida do homem inteiro, nela colocam-se em funcionamento todos os sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, desejos e paixões”.

Conclusões

Considerando que o foco do trabalho docente é o aluno que assimila e dá significado ao aprendizado, devemos concordar que há uma especificidade no horizonte da prática cotidiana do professor e que isto soma para a construção de sua identidade. Portanto, qualquer estudo ou análise sobre esta identidade docente exige reflexões sobre as determinantes internos e externos que existem em seu campo de trabalho.

Pode-se afirmar que há diversos itinerários para se compreender a identidade e o trabalho docente. Mesmo escolhida uma dessas possibilidades de direcionamento, ainda deve-se considerar que são muitas as dinâmicas que interagem entre si na elaboração das representações que os professores fazem de si mesmo e de sua prática, bem como daquelas edificadas por outros envolvidos nesse processo, como, gestores, coordenadores alunos e familiares.

É importante entendermos a identidade do professor como produto, entre outros determinantes, do esforço dele mesmo em fazer dela consistente. Os professores devem, portanto, investir nas lutas de classificação (BOURDIEU, 2000) todo o seu ser social, com o objetivo de consolidar uma identidade que é plasmada em um ambiente de intensa mutação.

A filosofia emerge como possibilidade e estímulo à autonomia, como plataforma de revisitação daquilo que é preestabelecido. O professor, através de seus saberes e práticas, na edificação de sua identidade, tem como substrato, ser reflexivo, dotado de uma profundidade metodológica que se faz de maneira radical, com rigorosidade e uma perspectiva de conjunto, onde a contextualização deve ser a progenitora de novas atitudes.

As relações dialógicas, que coletivamente se colocam as múltiplas relações que a prática docente vivencia, pois não é um enredo fácil de demonstrar, as formas identitárias se projetam dependendo do contexto e das interferências institucionais. Assim, o diálogo hermenêutico e sua proposta elenca que se deve ter um esforço de superação de objetividades estáticas, ir muito além dos modelos relacionais aparentes. A inserção dessa visão colabora substancialmente sobre o processo de formação da identidade, pois auxilia no pensar, refletir e interpretar e principalmente dialogar, tudo isso tendo como horizonte a interação.

Referências

CERLETTI, Alejandro. **O Ensino de Filosofia como problema Filosófico**. Belo Horizonte: autentica Editora, 2009.

DUBAR, Claude. **A Socialização: Construção das Identidades Sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GADAMER, Hans Georg. **Verdade e Método**. Petrópolis: Vozes, 2007

_____. **Verdade e método II: complementos e índice**. Trad. Ênio P. Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações – ensaios de hermenêutica**. Porto-Portugal: RÉ, 1990.

VICTORA, Ceres Gomes et al. **Pesquisa Qualitativa em Saúde: uma introdução ao tema**. Tomo Editorial, 2000.